

Resumo do Mercado

- As ações dos EUA fecharam mistas, sustentadas pelo setor de tecnologia, especialmente inteligência artificial e semicondutores. O S&P 500 subiu 1,23% e o Nasdaq 1,74%. O Dow Jones recuou 0,50% e o Russell 2000 caiu 0,61%, refletindo o desempenho mais fraco de empresas de menor valor de mercado e orientadas a valor frente à força da IA.
- Na Europa, as ações fecharam em baixa, interrompendo quatro semanas de alta, afetadas por novas tensões entre EUA e Irã e vendas no setor de tecnologia. Os índices Euro STOXX 50 e FTSE 100 recuaram 2,23% e 1,70%, enquanto o DAX e o CAC 40 caíram 2,76% e 1,99%, com a Alemanha registrando o pior desempenho da região.
- Os rendimentos dos títulos do Tesouro dos EUA subiram, impulsionados por temores inflacionários gerados pela alta do petróleo e tensões geopolíticas. O título de 10 anos avançou de 4,49% na semana anterior para 4,56%, e o de 2 anos passou de 4,14% para 4,21%, mantendo o cenário cauteloso para os juros.
- O petróleo WTI fechou a US\$ 71,52 o barril, acumulando alta semanal de 4% devido a riscos na oferta gerados pelo conflito entre os EUA e o Irã e preocupações no Estreito de Ormuz. Enquanto isso, o ouro e a prata tiveram quedas modestas, sendo negociados perto de US\$ 4.119 e US\$ 60 a onça, respectivamente.
- A volatilidade recuou, apesar do pico no meio da semana causado pelo clima no Oriente Médio. O índice VIX fechou em 15,03 (ante 15,81 na semana anterior), mantendo-se confortavelmente abaixo da marca de 20, já que a alta nas ações de tecnologia e o otimismo com a temporada de balanços reduziram a busca por proteção.
- Até 8 de julho, os fundos globais de ações registraram captação líquida de US\$ 49,23 bilhões (o maior volume em três semanas), liderados por entradas nos EUA (US\$ 24,97 bilhões) e na Europa (US\$ 13,67 bilhões). Já os fundos globais de títulos captaram um recorde de US\$ 31,34 bilhões, e os de mercado monetário atraíram US\$ 83,76 bilhões.

Instantâneo de Dados do Mercado

Índice	Valor	WTD	1 mês	YTD
Dow Jones Industrial	52,637.01	-0.50%	5.45%	9.52%
S&P 500	7,575.39	1.23%	4.24%	10.66%
Nasdaq Composite	26,281.61	1.74%	4.42%	13.08%
Russell 2000	2,977.81	-0.61%	5.02%	19.98%
S&P/TSX Composite	35,305.31	0.09%	3.38%	11.33%
Euro Stoxx 50	6,269.97	-2.23%	4.33%	8.26%
FTSE 100	10,497.29	-1.70%	2.36%	5.60%
DAX (Alemanha)	25,067.09	-2.76%	3.60%	2.35%
CAC 40 (França)	8,338.97	-1.99%	2.17%	2.32%
Nikkei 225 (Japão)	68,557.73	-1.70%	6.82%	36.19%

Commodities	Valor (\$)	WTD	1 mês	YTD
Petróleo bruto (WTI)	71.52	4.41%	-20.56%	24.51%
Ouro	4,119.93	-1.36%	1.17%	-4.62%
Prata	59.8684	-4.08%	-5.51%	-16.46%
Gás natural	2.94	-8.52%	-7.65%	-20.74%

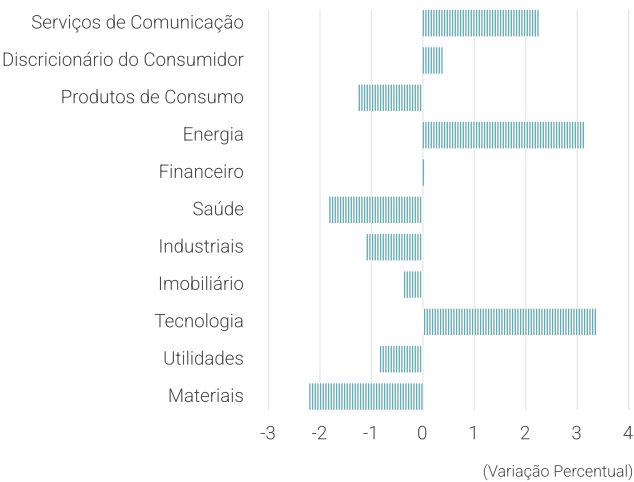
Renda Fixa	Rendimento	WTD	1 mês	YTD
Tesouro dos EUA a 2 anos	4.216%	3.50	12.30	73.30
Tesouro dos EUA a 10 anos	4.562%	8.80	8.10	39.00
Bund alemão a 2 anos	2.662%	10.89	2.46	52.93
Bund alemão a 10 anos	3.071%	13.08	7.11	21.09

(Variação em Pontos-Base)

Moeda	Valor	WTD	1 mês	YTD
Índice do dólar (DXY)	100.95	0.09%	1.01%	2.67%
EUR/USD	1.1416	-0.18%	-1.03%	-2.81%
USD/JPY	161.68	0.21%	0.70%	3.17%
GBP/USD	1.3404	0.40%	0.27%	-0.53%
USD/CAD	1.4154	-0.32%	1.51%	3.13%
USD/CHF	0.8086	0.66%	1.09%	2.02%
EUR/JPY	184.56	0.01%	-0.34%	-0.84%
EUR/CHF	0.92295	0.44%	0.04%	-0.84%

Taxas Livres de Risco	1M	3M	6M	12M
CHF (SARON)	-0.04%	-0.04%	-0.05%	-0.04%
EUR (EURIBOR)	2.27%	2.41%	2.63%	2.83%
USD (SOFR)	3.66%	3.74%	3.86%	4.02%
GBP (SONIA)	3.74%	3.75%	3.76%	3.94%
JPY (TORF)	0.97%	0.98%	1.07%	–

Desempenho Semanal do Setor do S&P 500



Impulsionadores do Mercado

Mercados dos EUA

Wall Street fechou a semana mista, impulsionada por grandes empresas de tecnologia e de IA, que elevaram o S&P 500 (+1,23%) e o Nasdaq (+1,74%). Em contrapartida, o Dow Jones (-0,50%) e Russell 2000 (-0,61%) recuaram. A semana foi volátil: novas tensões entre EUA e Irã elevaram o petróleo e os rendimentos dos títulos do Tesouro, mas uma recuperação dos semicondutores no fim da semana melhorou o humor do mercado. O setor de tecnologia da informação liderou os ganhos, seguido por energia e comunicações; já materiais e saúde foram os mais fracos. A forte estreia da SK Hynix nos EUA impulsionou o entusiasmo com a IA, apesar das preocupações com preços altos das ações e a forte concentração do mercado. A ata do Federal Reserve mostrou dirigentes divididos sobre os juros; alguns veem espaço para taxas maiores e temem que a inflação se espalhe. O rendimento do título do tesouro de 10 anos subiu de 4,49% para 4,56%. Até 8 de julho, fundos de ações dos EUA atraíram US\$ 24,97 bilhões, e fundos globais de tecnologia captaram US\$ 11,49 bilhões. No geral, lucros esperados e IA apoiam o mercado, mas juros altos, riscos geopolíticos e preços esticados na tecnologia limitam ganhos mais amplos.

Mercados Europeus

As bolsas europeias caíram, encerrando quatro semanas de alta, pressionadas pelo conflito entre os EUA e o Irã, petróleo caro e perdas na tecnologia. Recuaram os índices STOXX Europe 600 (-1,79%), DAX da Alemanha (-2,76%), CAC 40 da França (-1,99%), FTSE MIB da Itália (-0,39%) e FTSE 100 do Reino Unido (-1,70%). A queda refletiu o temor de que falhas no fornecimento de energia mantenham a inflação alta e forcem uma política monetária mais dura. A tecnologia sofreu com a redução de investimentos em empresas de IA muito caras, pressionando ações de semicondutores como ASML e Soitec. O mercado reagiu parcialmente no fim da semana, apoiado por telecomunicações, turismo, companhias aéreas e algumas siderúrgicas. Na Alemanha, dados foram positivos, com a inflação caindo para 2,3% em junho e as exportações crescendo 0,9% em maio, embora ofuscados pela geopolítica. Fundos de ações europeus captaram US\$ 13,67 bilhões até 8 de julho. Em suma, as ações europeias continuam apoiadas por preços comparativamente atrativos e pelo aumento na captação de fundos, mas energia cara, volatilidade tecnológica e incertezas sobre o Banco Central Europeu podem manter o mercado instável.

Mercados da Ásia-Pacífico

As bolsas da Ásia-Pacífico fecharam mistas, mas com tendência de baixa, afetadas pelas tensões no Oriente Médio, energia mais cara e volatilidade nos semicondutores. No Japão, o Nikkei 225 caiu 1,70% e o TOPIX recuou 0,70%; a moeda japonesa perdeu força, mas se recuperou para cerca de 161 por dólar, e o título do governo de 10 anos fechou perto de 2,78%. A Coreia do Sul teve o pior desempenho regional: o KOSPI caiu 7,6%, puxado pelas perdas da Samsung e SK Hynix, chegando a ceder mais de 20% ante o recorde de junho, antes de reagir na sexta-feira. Na China, os índices divergiram: o CSI 300 (-1,27%) e o Shanghai Composite (-1,17%) caíram, enquanto o Hang Seng de Hong Kong subiu 3,53%, impulsionado por internet, saúde e materiais. Os fundos de ações asiáticos captaram US\$ 6,95 bilhões até 8 de julho. O cenário regional segue dividido, com Hong Kong se destacando, enquanto os mercados focados em tecnologia e sensíveis à energia continuam vulneráveis a fortes oscilações.

Mercados Emergentes

Os mercados emergentes fecharam mistos e um pouco mais fracos, pois as tensões no Oriente Médio, o petróleo em alta e o dólar forte ofuscaram a demanda por ações de tecnologia e crescimento. Na Índia, o Sensex e o Nifty 50 caíram 0,3% cada, encerrando quatro semanas de alta, apesar da recuperação na sexta-feira liderada pelo setor de tecnologia após bons resultados da Tata Consultancy Services. O petróleo caro prejudicou o país importador, e a moeda indiana caiu 0,1% com importadores buscando proteção. A moeda mexicana também enfraqueceu em momentos de aversão ao risco, embora a inflação de junho tenha caído para 3,37% (menor nível desde 2020). Os fluxos seguiram favorecendo a dívida emergente: fundos de ações perderam US\$ 500 milhões (11ª semana de saídas), mas os de títulos captaram US\$ 1,66 bilhão. Dados mensais registraram fuga de US\$ 46,1 bilhões de estrangeiros das ações emergentes em junho, com fortes vendas na Coreia do Sul e em Taiwan, evidenciando a sensibilidade aos ânimos globais sobre IA e semicondutores. No geral, fundamentos locais melhores apoiam os ativos emergentes em alguns países, mas uma recuperação duradoura exige petróleo estável, dólar fraco, maior entrada em ações e menos volatilidade no setor global de tecnologia.

Atualização Técnica

O S&P 500 fechou a semana em 7.575,39 (alta de 1,23%), estendendo a recuperação da semana anterior rumo à sua máxima histórica. Na segunda-feira, o índice abriu a 7.506,96, manteve-se acima dos 7.500 e fechou a 7.537,43 (após atingir o pico de 7.551,31), superando a resistência de 7.500 a 7.545. A terça-feira foi cautelosa, revertendo de 7.536,06 para fechar em 7.503,85. Já a quarta-feira trouxe o principal teste de queda da semana: o S&P caiu brevemente a 7.421,82, mas se recuperou para 7.482,71, mostrando compradores ativos perto da média móvel de 50 dias e do piso da recente faixa de negociação. A quinta-feira retomou o tom positivo, fechando em 7.543,64, e a sexta estendeu a alta para 7.575,39 (após máxima de 7.579,93). Com isso, o índice ficou a menos de 0,5% do seu recorde histórico de fechamento (próximo a 7.609,78). O cenário de curto prazo melhorou, embora um novo recorde ainda não tenha sido confirmado. A faixa de 7.540 a 7.550 é o primeiro nível de atenção, vista mais como um pivô de curto prazo do que um suporte consolidado. Um suporte mais claro está entre 7.500 e 7.510, refletindo a mínima de segunda, o fechamento de terça, a mínima de sexta e a barreira psicológica dos 7.500. Perder essa marca mudaria o foco para 7.475 a 7.485, onde o índice se estabilizou no meio da semana. O suporte principal agora fica entre 7.420 e 7.435, incluindo a mínima de quarta e a média móvel de 50 dias (perto de 7.433). Uma queda consistente abaixo desse ponto enfraqueceria a recuperação, voltando a atenção para 7.350 a 7.365, seguida pelo forte suporte do fim de junho (7.290 a 7.300). O índice segue bem acima da sua média móvel de 200 dias (cerca de 6.965), mantendo a tendência geral de alta intacta. Por outro lado, a resistência imediata está em 7.575 a 7.580, onde o avanço de sexta estagnou. Romper essa área colocaria o índice próximo à zona crucial de 7.600 a 7.610, que inclui o recorde histórico. Um fechamento firme acima de 7.610 concluiria a recuperação da queda de junho e confirmaria o território recorde. A participação do mercado melhorou, com cerca de dois terços das empresas do S&P 500 negociando acima de suas médias móveis de 50 e 200 dias. A maior adesão na sexta-feira indicou uma alta menos dependente de um grupo restrito de empresas de mega capitalização, embora tecnologia e semicondutores continuem como motores principais. O Índice de Força Relativa de 14 dias fechou perto de 60, deixando o ímpeto da tendência moderadamente positivo e bem abaixo do limite tradicional de sobrecompra de 70.

Em resumo, o mercado evoluiu de uma recuperação tímida para um teste sólido da área de máxima histórica. O S&P 500 rompeu a resistência anterior de 7.500 a 7.545, defendeu a média móvel de 50 dias na queda de quarta e terminou a semana perto do topo. A faixa de 7.500 a 7.510 é o primeiro suporte claro, seguida por 7.475 a 7.485 e pelo grupo principal de 7.420 a 7.435. No cenário de alta, manter-se acima de 7.580 elevaria a chance de testar 7.600 a 7.610, e um fechamento firme acima dessa marca retomaria o controle claro da tendência de alta. Até lá, o cenário é positivo e em melhora, mas ainda enfrentará um importante teste de resistência na próxima semana.

S&P 500: Média Móvel de 50 e 200 Dias

Fonte: WSJ



A Semana em Foco

A próxima semana traz uma agenda cheia de indicadores macroeconômicos e balanços nos EUA. Os investidores focarão nos dados de junho sobre inflação, vendas no varejo, setor imobiliário, produção industrial, além da confiança do consumidor e do início oficial da temporada de balanços do segundo trimestre. O IPC será divulgado na terça-feira; o IPP na quarta; as vendas no varejo, na quinta; e os dados imobiliários e industriais, na sexta. Além disso, o depoimento de Kevin Warsh, presidente do Federal Reserve, no Congresso e os resultados dos grandes bancos, ASML, Taiwan Semiconductor, GE Aerospace, UnitedHealth, Netflix e Alcoa trarão importantes sinais políticos e corporativos. Esse conjunto mostrará se a inflação está caindo sem prejudicar a resiliência do crescimento econômico e da demanda.

A segunda-feira (13 de julho) começa tranquila, com o saldo orçamentário federal de junho às 15h (horário de Brasília) e discursos de Michelle Bowman e Christopher Waller, dirigentes do Fed. Sem grandes balanços, o mercado focará no posicionamento prévio ao IPC de terça, no cenário de energia, nos rendimentos dos títulos do Tesouro e nas projeções para os juros. A sessão calma pode deixar os ativos mais sensíveis a notícias políticas ou mudanças nas expectativas de cortes ou altas nas taxas.

A terça-feira (14 de julho) deve ser uma das sessões mais cruciais. O IPC de junho sai às 9h30, e Kevin Warsh fala ao Comitê de Serviços Financeiros da Câmara às 11h. O mercado monitorará os preços de habitação, serviços e bens em busca de sinais de que o núcleo da inflação está sob controle. Bank of America, Citigroup, Goldman Sachs, JPMorgan Chase, Wells Fargo e Fastenal divulgam balanços antes da abertura, atualizando o cenário sobre crédito, qualidade dos empréstimos, custos de depósitos, operações de mercado, banco de investimento, demanda industrial e a saúde financeira do consumidor frente à inflação.

A quarta-feira (15 de julho) traz o IPP de junho e o índice industrial Empire State às 9h30. Depois, Warsh depõe no Senado às 11h, e o Fed divulga o Livro Beige às 15h, oferecendo um panorama regional sobre emprego, salários, preços, consumo, indústria e crédito. ASML, BlackRock, Johnson & Johnson, Morgan Stanley, PNC Financial, entre outras, divulgam números, revelando dados sobre semicondutores, fluxo de capitais, saúde, setor bancário, crédito e gastos corporativos.

A quinta-feira (16 de julho) concentra, às 9h30, as vendas no varejo de junho, os pedidos semanais de auxílio-desemprego e o índice industrial do Fed da Filadélfia. Às 11h, saem as vendas pendentes de imóveis e os estoques empresariais. Os dados do varejo serão cruciais para mostrar se as famílias continuam gastando, apesar dos juros altos e da desaceleração nas contratações. Taiwan Semiconductor, GE Aerospace e UnitedHealth apresentam resultados antes da abertura, enquanto Netflix e Alcoa publicam após o fechamento, detalhando o cenário para infraestrutura de IA, aviação, saúde, mídia, commodities e demanda industrial global.

A sexta-feira (17 de julho) fecha a semana com os preços de importação e exportação, construções iniciadas e licenças de obras às 9h30. A produção industrial sai às 10h15, seguida pela confiança do consumidor e das construtoras às 11h. Esse conjunto medirá se a economia mantém fôlego para ofuscar novas preocupações inflacionárias. Fifth Third Bancorp, Regions Financial, Travelers e Autoliv divulgam balanços, trazendo mais detalhes sobre bancos, seguros, crédito, produção e demanda por veículos.

Para as bolsas americanas, manter a recente força depende de a inflação ceder o suficiente para afastar o risco de novos apertos pelo Fed, mas sem indicar uma forte desaceleração econômica. Os grandes bancos darão a primeira visão clara sobre empréstimos, crédito, mercado financeiro e a situação das famílias, enquanto os demais balanços testarão a demanda em tecnologia, saúde, aeroespacial, mídia e indústria. As projeções futuras das empresas serão tão importantes quanto os lucros atuais, pois o mercado busca provas de que as margens e a demanda se sustentarão no segundo semestre. O cenário ideal para ativos de risco seria uma inflação mais branda, consumo estável e projeções otimistas. Assim, a semana marca o primeiro grande teste do segundo trimestre, exigindo dados de inflação controlados e projeções corporativas resilientes para manter o otimismo até a reunião de política monetária de julho.